



Objetos nulos, elipses de VP e retomadas pronominais na fala infantil em PB: uma reanálise do trabalho de Ayres & Othero (2016)

Null objects, VP ellipsis and pronouns in child language in Brazilian Portuguese: a reanalysis of Ayres & Othero (2016)

*Mônica Rigo Ayres**

RESUMO: Neste trabalho, revisitamos o estudo de Ayres e Othero (2016), sobre o condicionamento de objetos nulos e pronomes em PB na retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, na fala infantil, a partir das duas hipóteses consolidadas na literatura, a saber: a hipótese do conjunto de traços de animacidade e especificidade (cf. CYRINO, 1994/1997; CASAGRANDE, 2007, por exemplo), e a hipótese do gênero semântico (cf. CREUS; MENUZZI, 2004; OTHERO et al., 2016, por exemplo). Como em seu estudo Ayres e Othero (2016) não distinguiram elipses de VP de objetos nulos, aqui nós separamos esses dois tipos de categoria vazia e as analisamos. Além disso, verificamos se o condicionamento dos objetos nulos e das elipses de VP ocorre em contextos semelhantes, tendo em vista que essas estruturas possuem formas superficialmente parecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto nulo. Elipse de VP. Retomada anafórica. Fala infantil. Português brasileiro.

ABSTRACT: In this text, we review the study of Ayres and Othero (2016), on the conditioning of null objects and pronouns in BP, concerning anaphoric direct object of third person in children's speech. They based their analysis on the two hypotheses consolidated in the literature, namely the semantic gender hypothesis (cf. CREUS; MENUZZI, 2004; OTHERO et al., 2016, and others), the animacy and specificity hypothesis (c. CYRINO, 1994/1997; CASAGRANDE, 2007, for example). Since Ayres and Othero (2016) did not distinguish VP ellipses from null objects, here we separate these two types of empty categories and analyze them. In addition, we verify if the conditioning of the null objects and the VP ellipses occurs in similar contexts, considering that these structures have superficially similar forms.

KEYWORDS: Null object. VP Ellipsis. Anaphoric pronouns. Child Language. Brazilian Portuguese.

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Doutoranda em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras, e-mail: monica.ayres@ufrgs.br.

1. Introdução

A retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa pode ocorrer de diversas formas em português brasileiro (PB):

- (i) Com um objeto nulo¹: *Eu amei [a bota que vi na vitrine]i, vou voltar lá e comprar [Ø]i;*
- (ii) Com um pronome pleno: *Maria queria beijar [o João]i, mas com vergonha só abraçou [ele]i.*
- (iii) Com um clítico acusativo²: *Vi [Everton e Felipe]i no cinema ontem, mas não [os]i cumprimentei;*
- (iv) Com substituição: *Vi [Diego]i na rodoviária ontem e não abracei [o cara]i;*
- (v) Com elipse do N do SN: *Estava precisando de [uma gramática nova]i, então comprei [uma _]i;*
- (vi) Com um SN repetido³: *Encontrei [o Lucas]i na universidade ontem, e antes de ir embora chamei [o Lucas]i para conversar.*

Neste estudo, iremos analisar apenas as estratégias (i) e (ii), ou seja, a retomada anafórica do objeto direto de 3ª pessoa com pronome pleno ou com objeto nulo. Para tanto, também analisaremos as elipses de VP, já que estamos interessados em reanalisar o estudo de Ayres e Othero (2016), que contabilizaram também as elipses de VP ao investigar a competição entre pronomes e objetos nulos em *corpora* de língua falada infantil. Os autores contabilizaram as ocorrências de elipse de VP juntamente com objetos nulos pois, segundo eles, as duas estruturas são idênticas superficialmente.

¹ Exemplos criados pela autora.

² Apesar de o uso de clíticos acusativos não ser do PB vernacular e ser condicionado pela instrução formal (cf. OLIVEIRA, 2007), ainda assim é uma possibilidade da língua.

³ Sobre a produtividade da repetição do SN em português falado, remetemos o leitor ao texto de Vera-Pinto e Coelho (2016).

A elipse de VP é um tipo de categoria vazia que ocorre em PB e que se parece (ao menos, na estrutura de superfície) com o objeto nulo (cf. RAPOSO, 1986). De acordo com Matos e Cyrino (2001), na elipse de VP ocorre o apagamento do verbo principal e de seus complementos ou adjuntos. Sendo assim, podemos diferenciar o objeto nulo e a elipse de VP basicamente da seguinte maneira: se no elemento apagado o verbo principal é o mesmo, trata-se de elipse de VP, porém, se o verbo principal é outro, então é um objeto nulo. Isso fica mais claro nos exemplos a seguir⁴:

- (1) Felipe comeu [pizza]_i e João também (comeu) [Ø]_i. Elipse de VP
- (2) João assou [o churrasco]_i mas não comeu [Ø]_i. Objeto nulo

Há na literatura duas hipóteses principais sobre o condicionamento do objeto nulo (uma categoria vazia) em oposição à retomada anafórica pronominal de 3ª pessoa, são elas: (i) os traços de animacidade e especificidade do referente atuando em conjunto (cf. CYRINO, 1994/1997; CASAGRANDE, 2007, por exemplo), e (ii) o traço de gênero semântico⁵ (cf. CREUS; MENUZZI, 2004; OTHERO et al., 2016, por exemplo).

Essas hipóteses, sem grandes pormenores, funcionariam da seguinte maneira: a primeira diz que, com antecedentes [+animados] e [+específicos] (ex.: *a menina*), a preferência na retomada anafórica seria por pronomes e, em contrapartida, com antecedentes [-animados] e [-específicos] (ex.: *uma escova*), o uso dos objetos nulos seria preferido; porém, essa polarização não fica bem definida com antecedentes [+animados] e [-específicos] (ex.: *uma menina*) e com antecedentes [-animados] e

⁴ Exemplos criados pela autora.

⁵ O traço de gênero semântico difere-se do traço de gênero gramatical: o primeiro é inerente, se refere ao sexo biológico do referente, enquanto o segundo é o elemento da gramática que serve de gatilho para a concordância nominal em nossa língua. Ou seja, todos os nomes em português possuirão gênero gramatical (*a mesa, a menina, o agente*), mas nem todos possuirão gênero semântico (*mesa* não possui gênero semântico inerente, ao passo que *menina* possui – e para sabermos o gênero semântico de *agente*, dependemos do contexto).

[+específicos] (ex.: *a escova*)⁶. A teoria do traço de gênero semântico tenta dar conta de todos esses casos: de acordo com a hipótese do gênero semântico, os antecedentes com o traço [+gênero semântico] (ex.: *menina*) seriam retomados preferencialmente por pronomes, ao passo que antecedentes com o traço [-gênero semântico] (ex.: *escova*) seriam retomados por objetos nulos. Abaixo, esquematizamos em dois quadros como funcionaria a preferência por objetos nulos ou pronomes, a partir das duas hipóteses:

Quadro 1 – Quadro comparativo sobre os traços da teoria de animacidade e especificidade [$\pm a, \pm e$] em relação ao favorecimento de objetos nulos ou pronomes.

ANTECEDENTE	Favorece OBJETO NULO	Favorece PRONOME
[+a, +e]	Não	Sim
[+a, -e]	Não (?)	Sim (?)
[-a, +e]	Sim (?)	Não (?)
[-a, -e]	Sim	Não

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 2 – Quadro comparativa sobre o traço da teoria de gênero semântico [$\pm gs$] em relação ao favorecimento de objetos nulos ou pronomes.

ANTECEDENTE	Favorece OBJETO NULO	Favorece PRONOME
[+gs]	Não	Sim
[-gs]	Sim	Não

Fonte: elaborado pela autora.

Os trabalhos de Menuzzi e Creus (2004), Pivetta (2015), Ayres (2016), Othero et al. (2016) e Othero e Schwanke (2017), por exemplo, sugerem que a hipótese do traço de gênero semântico é a mais adequada para explicar a competição entre as categorias vazias e as formas preenchidas em PB, por polarizar melhor os resultados entre os dois tipos de retomadas (pronomes *vs.* objetos nulos) e também por ser mais

⁶ Como pode parecer a partir dos exemplos, o uso de artigo definido ou indefinido não tem relação direta com especificidade, mas sim com definitude. Na verdade, o *contexto* é fundamental para a definição da especificidade de um referente. Sobre o assunto, remetemos o leitor aos trabalhos de Casagrande (2007) e Ayres (2016).

econômica, tendo em vista que esse fenômeno pode ser explicado por apenas um traço e não dois.

Em seu estudo, Ayres e Othero (2016) fizeram um levantamento de objetos nulos *vs.* pronomes em linguagem infantil com base em dois *corpora*: o *corpus* CEAAL (Centro de Estudos em Aquisição e Aprendizagem da Linguagem - PUCRS) e o *corpus* PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - UFRJ)⁷, com a finalidade de averiguar qual das duas hipóteses sobre o condicionamento da retomada anafórica em PB seria a mais adequada (hipótese animacidade e especificidade *vs.* hipótese gênero semântico). Ayres e Othero se preocuparam em averiguar as retomadas anafóricas de objeto direto na fala de crianças em idade pré-escolar ou alfabetizadas há pouco tempo. Dessa maneira, os autores conseguiriam, por hipótese, acessar a fala vernacular com pouca ou nenhuma influência da normatização gramatical que aparece com o processo de letramento escolarizado (ver, por exemplo, o trabalho de Oliveira 2007 nesse sentido: quanto mais familiaridade com o sistema de escrita padrão, maior o número de retomadas anafóricas de objeto com pronomes átonos em português). Porém, em sua pesquisa, os autores analisaram ambas as construções, com objetos nulos e elipses de VP, sem diferenciá-las. A justificativa, segundo eles, é a seguinte:

Decidimos manter aqui exemplos de objetos nulos tanto em construções de objeto nulo de fato como em construções compreendidas como elipses de VP com o verbo principal repetido – cf. Matos & Cyrino (2001), Cyrino & Matos (2002). Isso porque a estrutura superficial das duas construções é virtualmente idêntica e porque resultados de Pivetta (2015) sugerem que ambos os fenômenos tenham a mesma motivação gramatical. (AYRES; OTHERO, 2016, pág. 4 e 5)

⁷ Para mais detalhes sobre os *corpora*, remetemos o leitor a Lamprecht (1994), que retrata pesquisas e um pouco da história do *corpus* do CEAAL/PUCRS, e também ao acesso ao site <http://www.letras.ufrj.br/peul/historia.html>, sobre a história e composição do *corpus* PEUL/UFRJ.

Apesar desse recorte metodológico, acreditamos que seja válido investigar se realmente não há diferença entre essas duas estruturas, já que elipses de VP e objetos nulos são construções distintas e isso pode se refletir no condicionamento e no tipo de retomada anafórica que encontramos para cada tipo de estrutura. Por isso, em nosso trabalho, reanalisaremos os dados de Ayres e Othero (2016), porém, com o mesmo objetivo: comparar as duas teorias de retomada anafórica de objetos diretos em PB, refinando os resultados encontrados por eles. Em outras palavras: (i) contrastaremos os objetos nulos de fato, em oposição aos pronomes - sem contabilizarmos as elipses de VP (com a finalidade de contrastarmos as duas teorias em jogo) e (ii) contrastaremos os objetos nulos e as elipses de VP (para analisarmos se esses dois tipos de categoria vazia realmente se comportam de maneira semelhante).

Com isso, pretendemos averiguar duas questões, a saber: (i) a partir das duas hipóteses em vigor na literatura, já mencionadas anteriormente, é possível verificar qual delas é a mais adequada para explicar a distribuição de objetos nulos e pronomes em português brasileiro? (ii) as categorias vazias objeto nulo e elipse de VP realmente se comportam de maneira similar no que diz respeito ao seu condicionamento, tal como assumiram Ayres e Othero (2016)?

2. Metodologia

Procuramos as ocorrências de retomadas anafóricas de objeto direto de 3ª pessoa nos dois *corpora*⁸ de linguagem infantil pesquisados por Ayres e Othero (2016), levando em conta o contexto de cada caso, a fim de contabilizarmos separadamente as ocorrências de objetos nulos de fato e as ocorrências de elipses de VP, conforme exemplos a seguir, retirados dos *corpora*⁹:

⁸ O *corpus* da pesquisa possui um total de 36 informantes, de 1 a 9 anos de idade, 633 páginas de língua falada transcrita e 244.707 palavras (cf. AYRES; OTHERO, 2016).

⁹ Sempre que nos referirmos às entrevistas transcritas dos *corpora*, *E* significa *turno de fala do entrevistador* e *C* *turno de fala da criança*.

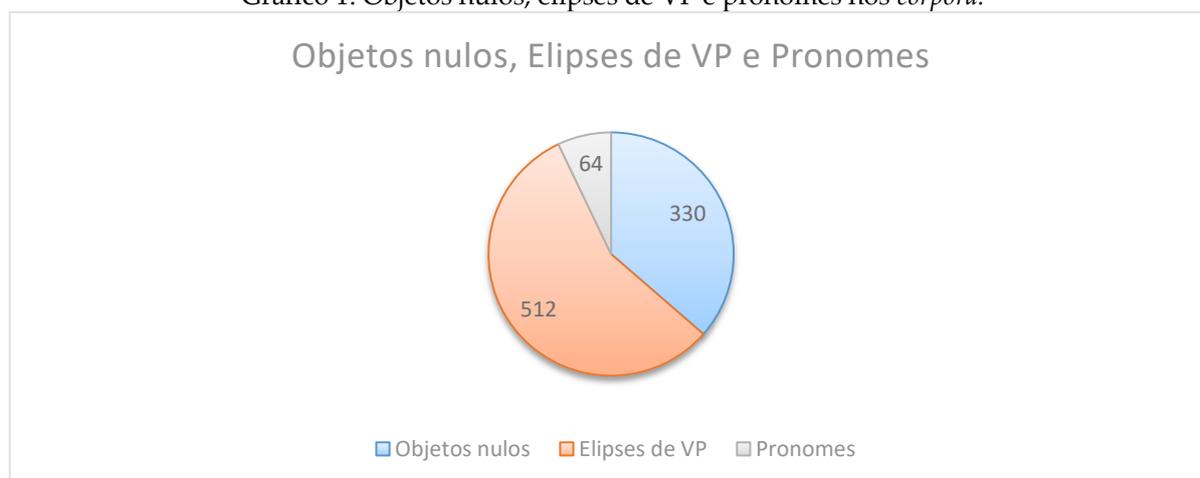
- (3) E: A senhora aceita [um suco]_i?
C: Aceito [Ø]_i .
- (4) C: Qual dia? Hoje, amanhã quando eu estava no colégio; quando eu dou a [lição]_i eu aprendo [Ø]_i .

No exemplo 3, temos uma ocorrência de elipse de VP, pois o verbo na retomada anafórica é o mesmo da frase anterior (*aceita/aceitou*) – ou seja, esse dado não deve ser contabilizado para analisar a competição entre objetos nulos e pronomes, como ocorreu na análise de Ayres e Othero (2016). Já no exemplo 4, temos um objeto nulo de fato, pois o verbo da retomada anafórica difere do verbo da frase anterior (*dou/aprendo*), de maneira que esse dado faz parte da nossa análise contrastiva com pronomes plenos.

Analisamos as transcrições das entrevistas e, para cada objeto nulo e elipse de VP, verificamos o contexto do antecedente, atribuindo um valor (+) ou (-) para cada um dos traços em jogo (animacidade, especificidade e gênero semântico do referente). Após essa fase de contabilização e classificação, passamos essas informações para uma planilha de dados, da qual extraímos os resultados que apresentaremos e discutiremos a seguir.

3. Análise e resultados

Do total de objetos nulos encontrados por Ayres e Othero (2016) (842 ocorrências, em oposição a 64 ocorrências de pronomes), constatamos, com base em nossa análise, que apenas 330 eram objetos nulos; os outros 512 casos analisados por eles como ONs eram, na verdade, elipses de VP, o que mostra que há exposição robusta da criança à elipse de VP na interação com adultos.

Gráfico 1: Objetos nulos, elipses de VP e pronomes nos *corpora*.

Fonte: elaborado pela autora.

Ou seja: apenas 39,1% dos casos eram, de fato, objetos nulos. E isso nos motivou a revisitar o trabalho desses autores para refazer sua análise (dessa vez, identificando devidamente os casos de ON e elipses de VP).

No quadro seguinte, temos os resultados encontrados por Ayres e Othero, que mostram as ocorrências de objetos nulos, que são, na verdade, objetos nulos e elipses de VP:

Quadro 3 – Ocorrências de objetos nulos + elipses de VP *vs.* pronomes em Ayres e Othero (2016, p. 7).

RETOMADA	OCORRÊNCIAS
Objeto nulo (e elipse de VP)	842 (92,9%)
Pronomes	64 (7,1%)
Total	906 (100%)

Fonte: Adaptado de Ayres & Othero (2016).

A partir desses números, os autores passaram para a análise da combinação dos traços de animacidade e especificidade dos referentes, com a finalidade de verificar a hipótese que leva em consideração esse conjunto de traços (cf. CYRINO 1994; SCHWENTER; SILVA 2003). Os resultados foram os seguintes:

Quadro 4 – Ocorrências de objetos nulos + elipses de VP *vs.* pronomes a partir dos traços de animacidade e especificidade em Ayres e Othero (2016, p. 8).

TRAÇO DO ANTECEDENTE	OBJETO NULO	PRONOME
[+a, +e]	72,8%	27,6%
[+a, -e]	83,4%	16,6%
[-a, +e]	96%	4%
[-a, -e]	93,4%	6,5%

Fonte: adaptado de Ayres e Othero (2016).

Fica claro que a combinação dos traços de animacidade e especificidade não explica satisfatoriamente a distribuição entre objetos nulos e pronomes, já que a preferência pelas formas nulas aconteceu com todas as combinações desses traços dos referentes, de maneira que, a partir desses conjuntos de traços, não foi possível polarizar os tipos de retomadas anafóricas na fala infantil. Ayres e Othero (2016) atentam para o fato que essa hipótese até então tinha lidado com *corpora* de língua escrita (cf. CYRINO; 1993, 1994/1997; PIVETTA 2015, por exemplo), porém, seus dados foram extraídos de *corpora* de língua infantil falada.

Vejamos a análise dos autores a partir da outra hipótese em jogo, a de gênero semântico (cf. CREUS; MENUZZI, 2004; OTHERO et al., 2016, por exemplo). De acordo com Creus e Menuzzi (2004, p. 161),

a hipótese que associa os pronomes plenos do PB à presença de gênero semântico, e objetos nulos à ausência de gênero semântico é mais natural que a hipótese análoga baseada na distinção de animacidade: afinal, a diferença básica entre as formas *ele/ela* e os objetos nulos é que as primeiras portam especificações de gênero, enquanto que os últimos são justamente não-especificados para gênero (bem como para número, mas nisso os ONs [objetos nulos] não diferem significativamente dos PrPls [pronomes plenos], já que os últimos podem ou não portar a flexão de número). Ou seja, a escolha entre ONs e PrPls resultaria, basicamente, de um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de PrPls porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e antecedentes sem gênero semântico favorecem o uso de ONs precisamente porque ONs não possuem especificação para gênero semântico.

Ou seja, de acordo com essa hipótese, antecedentes que são [-gênero semântico] tendem a ser retomados por objetos nulos, e antecedentes que são [+gênero semântico] tendem a ser retomados por pronomes. Vejamos, no quadro abaixo, como foi essa polarização nos dados de Ayres e Othero:

Quadro 5 – Ocorrências de objetos nulos + elipses de VP *vs.* pronomes a partir do traço de gênero semântico em Ayres e Othero (2016, p. 9).

TRAÇO DO ANTECEDENTE	OBJETO NULO	PRONOME
[- gênero semântico]	96,7%	3,3%
[+ gênero semântico]	62,9%	30,8%

Fonte: Ayres e Othero (2016).

O quadro 5 nos mostra que, entre as retomadas cujo antecedente era [-gênero semântico] (i.e. não possuía o gênero semântico expresso), a preferência por objetos nulos aconteceu em 96,7% dos casos. São referentes como “o vestido” e “um bolo”, por exemplo (ocorrências e contextos extraídos dos *corpora*):

- (5) E: Tu não vai por [o vestido]?
C: Vou guardar [Ø]_i.
- (6) E: É [um bolo]_i de que?
C: De *morandi*.
E: De morango!
C: Ela gostou?
E: Gostou! Acho que ela quer mais.
C: Então agora eu vou cortar [Ø]_i.

Por outro lado, a maior parte das retomadas com pronomes (cerca de um terço) aconteceu nos casos em que o referente foi marcado com o traço [+gênero semântico], como vemos nos exemplos “boneca” e “Príncipe do Egito”, abaixo (novamente, ocorrências e contextos extraídos dos *corpora*):

- (7) E: Que bonita que tá [a boneca]_i com esse vestido verde!
 ...
 C: Eu vou botar [ela]_i no banho.
 ...
 C: Eu sou a mãe dela.
 E: Ah, tu é a mãe, tu vai fazer tudo pra ela?
 C: Sim, eu vou botar casaquinho nela.
 E: Ah, casaquinho, pra ela não ficar com frio, né?
 C: Pra ela não ficar gripada!
 E: Tá quentinho?
 C: Agora eu vou secar [ela]_i.

 C: Agora vou pentear [ela]_i.
- (8) C: Quando o pai do [Príncipe do Egito]_i era pequeno, ele mandou que ele seja *matado*.
 E: O pai mandou?
 ...
 C: E sabe quem pegou [ele]_i no final?
 E: Quem pegou ele?
 C: A mãe dele, e salvou [ele]_i!

Outro resultado da análise do trabalho de Ayres e Othero (2016) é que praticamente 90% dos referentes retomados com objetos nulos possuíam o traço [-gênero semântico], como vemos no quadro a seguir:

Quadro 6 – Relação entre objetos nulos e gênero semântico em Ayres e Othero (2016, p. 10).

TRAÇO DO ANTECEDENTE	OBJETO NULO
[-gênero semântico]	89,5%
[+gênero semântico]	10,5%

Fonte: Ayres e Othero (2016).

Sendo assim, os autores concluíram que “a proposta do gênero semântico parece ser a melhor explicação (ou, ao menos, a mais simples, já que propõe uma explicação com base em um único traço semântico do antecedente) para explicar as estratégias de retomada anafórica do objeto em PB (no que toca ao uso de pronomes e ONs)” (AYRES; OTHERO, 2016, pág. 10).

Passemos agora à nossa apreciação, em que fazemos a distinção entre ONs e elipses de VP para verificar a diferença entre nossa análise (mais acurada) e a análise de Ayres e Othero.

3.1 (Re)análise e resultados

Encontramos um número significativo de objetos nulos, porém, bem menor do que o número encontrado por Ayres e Othero (2016), como podemos verificar no quadro a seguir:

Quadro 7 – Ocorrências de objetos nulos *vs.* pronomes em nossa análise *vs.* análise Ayres e Othero (2016).

RETOMADA	Ocorrências	Ocorrências de Ayres & Othero
Objetos nulos	330 (79,5%)	842 (92,9%)
Pronomes	85 (20,5%)	64 (7,1%)
Total	415 (100%)	906 (100%)

Fonte: elaborado pela autora.

Percebemos que a preferência na retomada anafórica de objeto direto na fala infantil é pela categoria vazia (objeto nulo), como já verificado por Casagrande (2007, 2012), por exemplo. Mas, na verdade, essa preferência não se restringe à fala infantil: de acordo com Bagno (2011), o objeto nulo é preferência na fala adulta (segundo uma pesquisa feita pelo autor utilizando o *corpus* NURC). Bagno afirma que “o pronome nulo é, de longe, a estratégia de retomada anafórica preferida pelos brasileiros, falantes de todas as variedades linguísticas” (2011, p. 471). Antes disso, Monteiro (1994, p. 59) verificou que havia uma mudança paramétrica em curso no PB, pois, segundo o autor, o recurso mais frequente para retomada anafórica na fala era o pronome, tendo em vista que com ele seria possível evitar redundâncias desnecessárias. Porém, Monteiro verificou que, na verdade, o uso dos pronomes na retomada anafórica se mantém com a 1ª e 2ª pessoas, mas não com a 3ª pessoa (que é objeto de nosso estudo neste trabalho).

Passemos, agora, à análise das retomadas a partir dos traços dos antecedentes, iniciando pelos traços de animacidade e especificidade.

Quadro 8 – Ocorrências de objetos nulos *vs.* pronomes a partir dos traços de animacidade e especificidade.

TRAÇO DO ANTECEDENTE	OBJETO NULO	PRONOME	
[+a, +e]	36%	64%	
[+a, -e]	0%	100%	
[-a, +e]	91,3%	8,7%	
[-a, -e]	29%	71%	

Fonte: elaborado pela autora.

Assim notamos que, mesmo que analisemos apenas objetos nulos de fato e sua competição com pronomes (excluindo as elipses de VP), a hipótese do conjunto de traços de animacidade e especificidade não dá conta da distribuição que acontece na língua. De acordo com a hipótese que leva em consideração o conjunto desses traços, deveríamos esperar maior ocorrência de objetos nulos com antecedentes [-a, -e], e notamos que isso não se verifica. Além disso, para antecedentes com os traços [+a, +e], a preferência por pronomes passa pouco da metade (64%). Era esperado que o menor número de ocorrências de pronomes fosse com antecedentes [-a, -e], e para esses antecedentes a preferência pelos pronomes chegou a 71%, contrariando as expectativas dessa hipótese.

Analisemos, então, os mesmos dados a partir da hipótese do gênero semântico:

Quadro 9 – Ocorrências de objetos nulos *vs.* pronomes a partir do traço de gênero semântico.

TRAÇO DO ANTECEDENTE	OBJETO NULO	PRONOME
[-gênero semântico]	87,6%	15,4%
[+gênero semântico]	38,4%	61,6%

Fonte: elaborado pela autora.

Aqui percebemos que a maioria (87,6%) das retomadas cujos referentes tinham o traço [-gênero semântico] se deu com objetos nulos, ao passo que, com referentes

com o traço [+gênero semântico], o maior número de ocorrências foi com pronomes, pouco mais de 60% - resultados que demonstram que a explicação do fenômeno a partir da hipótese de gênero semântico parece mais apropriada. Se analisarmos apenas o universo dos objetos nulos partir do traço de gênero semântico, notamos a polarização que há na fala infantil, dividindo quase categoricamente os referentes [+gênero semântico] e [-gênero semântico], como podemos notar no próximo quadro:

Quadro 10 – Relação entre objetos nulos e gênero semântico.

TRAÇO DO ANTECEDENTE	POR OBJETO NULO
[-gênero semântico]	92,1%
[+gênero semântico]	7,9%

Fonte: elaborado pela autora.

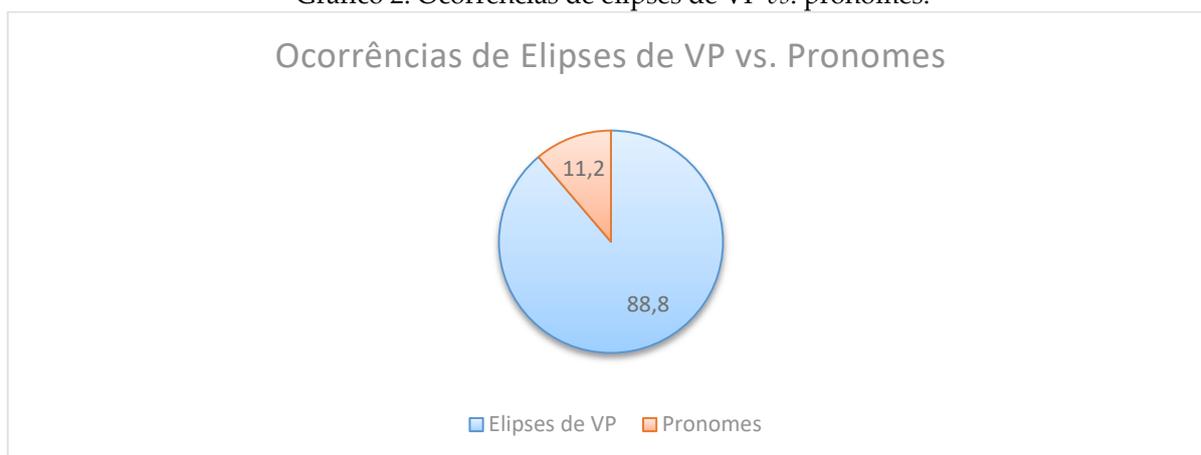
Aqui notamos que, entre os objetos nulos, os referentes, via de regra, não possuem gênero semântico inerente. Esse resultado é muito interessante, pois aponta que a teoria de gênero semântico é adequada para explicar a competição de objetos nulos e pronomes – ao menos na fala infantil. Na verdade, isso já havia sido apontado por Ayres e Othero (2016), porém, a partir de nossa reanálise de seus dados e exclusão de construções de elipse de VP, os resultados mostraram-se ainda mais satisfatórios.

4. Elipse de VP

Este estudo surgiu com a finalidade de contrastar teorias sobre a distribuição de objetos nulos e pronomes (excluindo as ocorrências de elipses de VP que aparecerem na pesquisa de Ayres e Othero (2016). Como já mencionamos anteriormente, os autores justificaram que contabilizaram as elipses de VP juntamente com os objetos nulos porque “a estrutura superficial das duas construções é virtualmente idêntica e porque resultados de Pivetta (2015) sugerem que ambos os fenômenos tenham a mesma motivação gramatical” (AYRES; OTHERO, 2016, p. 4-5).

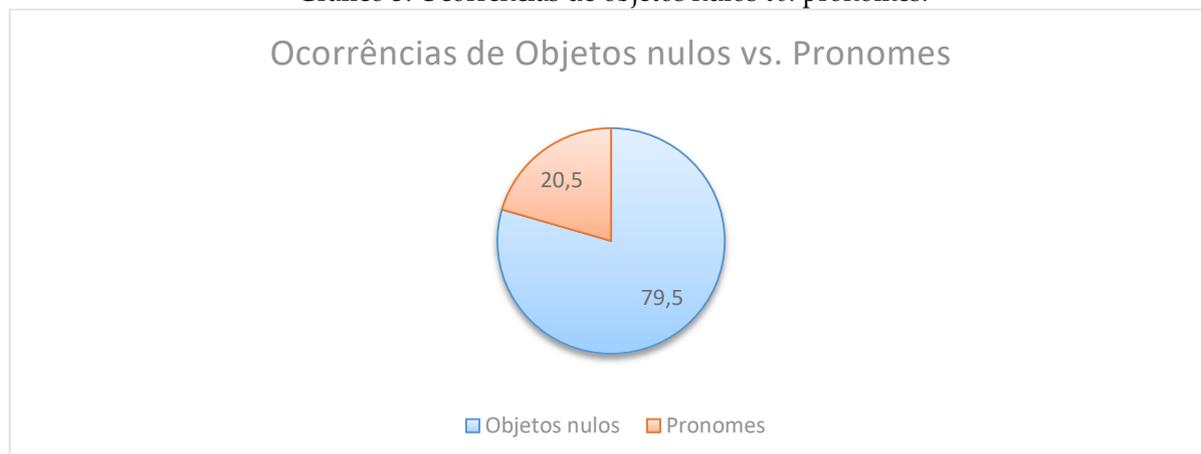
Para verificarmos se realmente objetos nulos e elipses de VP compartilham tantas propriedades, no que diz respeito ao seu condicionamento, analisaremos as construções de elipse de VP que encontramos nos *corpora*, similarmente à análise que fizemos com os objetos nulos (ou seja, em contraste com o uso de pronomes – formas preenchidas, que é o contexto que estamos analisando). Vamos aos números:

Gráfico 2: Ocorrências de elipses de VP *vs.* pronomes.



Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 3: Ocorrências de objetos nulos *vs.* pronomes.



Fonte: elaborado pela autora.

Pelos gráficos 2 e 3, podemos notar que as elipses de VP ocorreram nos *corpora* num valor próximo ao que os objetos nulos ocorreram (analisando essas categorias em contraste com os pronomes, pois é o contexto desse estudo). Nesse

quesito (frequência na fala infantil), as elipses de VP e os objetos nulos apresentam similaridade, i.e. ocorrem quase com frequência parecida dentro do mesmo contexto (88,8% e 79,5%, respectivamente). Isso pode demonstrar que no *input* linguístico da criança haja alta frequência de categorias vazias, e além disso, acreditamos que a alta ocorrência de elipses de VP possa ser resultado do caráter do *corpus*. Explicamos: na interação entre o entrevistador e a criança, principalmente com as com menos idade, é muito comum estruturas do tipo “E: Você quer [bolo]_i? / C: Quero Ø_i”. Ou seja, a criança não fala muito a não ser que estimulada pelo entrevistador, e respondendo ao estímulo, acontece a elipse de VP. Vejamos, então, as ocorrências de elipse de VP a partir da hipótese dos traços de animacidade e especificidade, lembrando que, como queremos comparar as elipses de VP com os objetos nulos, o contexto é o mesmo – a competição com os pronomes¹⁰:

Quadro 11 – Ocorrências de elipses de VP *vs.* pronomes a partir dos traços de animacidade e especificidade.

TRAÇO DO ANTECEDENTE	ELIPSE DE VP	PRONOME
[+a, +e]	65,9%	34,1%
[+a, -e]	83,3%	16,7%
[-a, +e]	93,1%	6,9%
[-a, -e]	63,3%	36,7%

Fonte: elaborado pela autora.

Compare esses dados com o quadro 8, repetido abaixo por conveniência:

Quadro 8 – Ocorrências de objetos nulos *vs.* pronomes a partir dos traços de animacidade e especificidade

TRAÇO DO ANTECEDENTE	OBJETO NULO	PRONOME
[+a, +e]	36%	64%
[+a, -e]	0%	100%

¹⁰ No presente estudo buscamos comparar as categorias vazias: objetos nulos e elipses de VP. Portanto, analisamos as duas categorias em contraste com as formas preenchidas, os pronomes, para que ambas as análises sejam feitas no mesmo domínio.

[-a, +e]	91,3%	8,7%
[-a, -e]	29%	71%

Fonte: elaborado pela autora.

Ao compararmos o condicionamento de objetos nulos e elipses de VP (quando em contraste com pronomes), vemos aqui uma divergência entre essas estruturas: com exceção dos antecedentes [-a, +e], que se parecem (93,1% de elipses de VP e 91,3% de objetos nulos), essas duas categorias parecem ter condicionamentos distintos quando contrastados com pronomes. Sabemos que a hipótese desse conjunto de traços não conseguiu explicar de maneira adequada a competição entre pronomes e objetos nulos, e acreditamos que haja um reflexo disso quando comparamos as elipses de VP em oposição aos pronomes (formas preenchidas). Analisemos agora, esses dados partir do traço de gênero semântico:

Quadro 12 – Ocorrências de elipses de VP *vs.* pronomes a partir do traço de gênero semântico.

TRAÇO DO ANTECEDENTE	ELIPSE DE VP	PRONOME
[-gênero semântico]	90,8%	9,2%
[+gênero semântico]	61,9%	31,8%

Fonte: elaborado pela autora.

Compare o quadro 12 com o quadro 9, repetido abaixo por conveniência:

Quadro 9 – Ocorrências de objetos nulos *vs.* pronomes a partir do traço de gênero semântico.

TRAÇO DO ANTECEDENTE	OBJETO NULO	PRONOME
[-gênero semântico]	87,6%	15,4%
[+gênero semântico]	38,4%	61,6%

Fonte: elaborado pela autora.

Quando analisamos os referentes com base em seu gênero semântico, o objeto nulo se parece com a elipse de VP para os casos de [-gênero semântico]: o uso de elipses de VP foi preferência em 90,8% dos casos (próximo dos 87,6% de objetos

nulos), ou seja, o traço [-gênero semântico] pode estar favorecendo tanto objetos nulos quanto elipses de VP. Mas, não vemos essa simetria com referentes [+gênero semântico]: nesses casos, as elipses de VP foram preferência em 61,9% das ocorrências, número bastante diferente dos 30,4% de preferência por objetos nulos no mesmo contexto, e com o mesmo tipo de referentes. Dessa forma, podemos verificar que há uma generalização na língua com referentes [-gênero semântico], já que esse tipo de referente favorece o uso de categorias vazias. Porém, com referentes [+gênero semântico] os resultados parecem ser inconclusivos. Vejamos especificamente a relação do traço de gênero semântico e seu comportamento com elipses de VP e objetos nulos, no quadro a seguir:

Quadro 13 – Relação entre elipses de VP / objetos nulos e gênero semântico .

TRAÇO DO ANTECEDENTE	ELIPSE DE VP	OBJETO NULO
[-gênero semântico]	87,3%	92,1%
[+gênero semântico]	12,7%	7,9%

Fonte: elaborado pela autora.

Analisando o quadro 13, percebemos que, na verdade, parece não haver grande diferença no condicionamento do uso de objetos nulos e elipses de VP, quando analisados a partir do traço de gênero semântico, tendo em vista que os resultados são números bastante próximos: das ocorrências de elipses de VP, a grande maioria (87,3%) foi de antecedentes que possuíam o traço [-gênero semântico], bem como das ocorrências de objetos nulos, o maior número de ocorrências foi com antecedentes com o traço [-gênero semântico] (92,1%). Podemos dizer, então, que o traço [-gênero semântico] condiciona o uso das categorias vazias.

5. Considerações finais

Através dessa análise contrastiva, percebemos que, ainda que excluamos as elipses de VP dos *corpora*, analisando apenas objetos nulos *vs.* pronomes, a hipótese

mais adequada para explicar essa competição na retomada anafórica em PB parece ser a de gênero semântico, pois a combinação dos traços de animacidade e especificidade não polariza essas duas categorias tão bem quanto o traço de gênero semântico faz (cf. quadros 8 e 9). Além disso, a hipótese que leva em consideração o gênero semântico é conceitualmente melhor, já que:

Do ponto de vista conceitual, a hipótese que associa os pronomes plenos do PB à presença de gênero semântico, e objetos nulos à ausência de gênero semântico é mais natural que a hipótese análoga baseada na distinção de animacidade: afinal, a diferença básica entre as formas *elelela* e os objetos nulos é que as primeiras portam especificações de gênero, enquanto que os últimos são justamente não-especificados para gênero (bem como para número, mas nisso os ONs [objetos nulos] não diferem significativamente dos PrPls [pronomes plenos], já que os últimos podem ou não portar a flexão de número). Ou seja, a escolha entre ONs e PrPls resultaria, basicamente, de um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de PrPls porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e antecedentes sem gênero semântico favorecem o uso de ONs precisamente porque ONs não possuem especificação para gênero semântico. (CREUS; MENUZZI, 2004, p. 161).

Concluindo, neste estudo (i) contrastamos objetos nulos de fato, em oposição aos pronomes, e verificamos que, das duas hipóteses em jogo (animacidade e especificidade *vs.* gênero semântico), a do gênero semântico foi a mais satisfatória, além de mais econômica, para explicar o condicionamento entre as formas nulas e pronomes (como já verificado por PIVETTA, 2015; AYRES, 2016; OTHERO et al. 2016) e (ii) contrastamos os objetos nulos de fato e as elipses de VP e notamos que o condicionamento dessas duas categorias vazias, se analisado pelo traço de gênero semântico, parece se comportar de maneira semelhante (cf. quadro 13). Essa semelhança já havia sido verificada por Pivetta (2015): segundo a autora, “os traços semântico-pragmáticos dos antecedentes da elipse de VP podem guardar

similaridade com os observados para o objeto nulo”, porém, isso ainda pode – e deve – ser verificado em trabalhos futuros, mais aprofundados sobre essa questão, já que aqui analisamos apenas dados de língua falada infantil.

De maneira geral, podemos perceber, através do presente estudo, que os antecedentes [- gênero semântico] costumam favorecer as categorias vazias, sejam elas elipses de VP ou objetos nulos. Além disso, os antecedentes [+ gênero semântico], ainda que não favoreçam pronomes, apresentam mais retomadas pronominais do que os antecedentes [- gênero semântico], e isso pode significar que a criança está adquirindo a estratégia de retomada do PB.

Referências Bibliográficas

AYRES, M. R. **Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro**: uma análise da fala infantil. Dissertação de mestrado: PUCRS, 2016.

AYRES, M. R.; OTHERO, G. A. Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil. **Caderno de Squibs**, v. 2, n. 2, 2016.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CASAGRANDE, S. **A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro**. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 2007.

CASAGRANDE, S. Restrições de ocorrência do objeto direto anafórico no Português Brasileiro: gramática adulta e aquisição da linguagem. **ReVEL**, edição especial n. 6, 2012.

CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004.

CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993 (2.a ed., 1996).

CYRINO, S. M. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR.)

CYRINO, S. M.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis. **Journal of Portuguese Linguistics** 1(2), 2002. <https://doi.org/10.5334/jpl.41>

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993 (2.a ed., 1996).

LAMPRECHT, R. R. Pesquisas sobre desenvolvimento fonológico e fonologia clínica na PUCRS: uma década de trabalho. In: ZILLES, U.; ZILBERMAN, R.; MOREIRA, M.E. (orgs.). **Gratidão de ser - homenagem ao irmão Elvo Clemente**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 19-26

MATOS, G.; CYRINO, S. Elipse de VP no português europeu e no português brasileiro. **Boletim da Abralin** 26, número especial, 2001.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza : EUFC, 1994.

OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. **ReVEL**, vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. **Working Papers em Linguística** v. 17(1), 2016.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. **Revista de Estudos da Linguagem**, vol. 25, n. 3, 2017.

RAPOSO, E. P. On the null object in european portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVACORVALÁN, C. (eds.). **Studies in Romance Linguistics**. Foris, Dordrecht, 1986.

PIVETTA, V. **Objeto direto anafórico no português brasileiro**: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos - animacidade/especificidade vs. gênero semântico. Dissertação de mestrado, UFRGS, 2015.

SCHWENTER, S. A.; SILVA, G. Anaphoric direct objects in spoken Brazilian Portuguese: semantics and pragmatics. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, 2003.

VIEIRA-PINTO, C. A.; COELHO, I. L. O objeto direto anafórico de SN: uma análise da fala de Florianópolis em duas sincronias. **ReVEL**, edição especial n. 13, 2016.

Artigo recebido em: 30.05.2017

Artigo aprovado em: 17.10.2017